



MULHERES NEGRAS NA CENA DA COVID-19

Cecília Maria Izidoro Pinto

Mestre em Educação para as Ciências da Saúde e Doutora em Enfermagem. E-mail: cecilia.izidoro@gmail.com

Agradeço ao chamado para fazer essa fala de um tempo de vida que vivi e ainda sigo vivendo. O vivido da vida de uma enfermeira preta e docente na cena da COVID-19. Saúdo a ancestralidade, saúdo nosso Ori, pois não há conhecimento sem ORI, e uma pessoa sem cabeça é uma pessoa sem direção. Esse caminho no mundo mostra onde se mostra a importância de respeitar os limites e as possibilidades do e-mundo, e-digital, efervescente, pulsante, capaz de nos ligar a muitos em pouco tempo e por vezes em tempo real. Saúdo minha mãe e avó. E peço a Oxóssi que me encaminhe inspirada pelo seu qualificador de exímio caçador cuja flecha se direciona para um único alvo.

Hoje, a flecha do tempo cursa na COVID-19. Neste espaço seguro de encontro, de troca e de partilha sincera, me perdoem se a fala é do chão, do chão do hospital das suas escadarias, enfermarias e corredores. Não tenho mais a dar do que a mim mesmo, pois meu corpo foi palco de uma experiência única que persiste em vida: pandemia do COVID-19. Num país onde reina, a violência racial, o negacionismo, o racismo cotidiano e as disparidades sociais, quem são aqueles que nos importa viver?

O dia de hoje sangra a morte na Vila Cruzeiro, como já sangrou no Jacarezinho e no Salgueiro, no chão do hospital, no frio da parede dos imensos corredores de onde trabalho local onde revejo a cena

dos corpos negros da enfermagem no qual também estou, um corpo negro em performance de cuidado e docência.

A situação de pandemia em face ao novo Coronavírus (Sars-Cov-2) e à COVID-19 decretada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020 e sinalizava uma experiência ímpar a ser vivida por mim ainda em plena atividade acadêmica. No dia 17 de março a entrada do Hospital Universitário estava vazia, sem a costumeira aglomeração de alunos, funcionários e pacientes na portaria.

Também não vi do lado da entrada do hospital o vendedor de balas e doces que a tantos anos ali ganha sua vida. Hesitei muito em sair de casa, não sabia nada do vírus, sabia apenas que havia neste em particular, um amplo espectro de eventos desconhecidos, complicações e desdobramentos clínicos incontrolláveis.

Estávamos no escuro enfrentando a insana morte viral que nos rondava. Não consegui ficar em casa sem ver e viver essa experiência de cuidado. Vi vantagem em não precisar correr para o elevador e iniciar minhas atividades. Havia um tempo livre, mas estranho. Torto, sem cor. A vida estava suspensa. Vida em suspensão, ar rarefeito.

Pandemias acontecem a muitos séculos e anos e na saúde as vi inúmeras vezes ao longo de minha



carreira. Somos sempre sacudidos de tempos em tempos, pelas nossas relações clínicas, científicas e sociais que envolvem estas pequenas e grandes crises sanitárias. Mas a COVID-19 nos mostrou realmente a capacidade que tem o inimigo invisível chamado vírus. Nossa visível apatia na distribuição de bens e serviços no mundo e a crescente agressividade a natureza nos trouxe como consequência uma questão de impacto global: a pandemia da COVID-19.

Dentro do hospital uma convulsão estava no ar. O vazio dos corredores contrastava com movimento intenso e o burburinho das salas de reunião. Crise, incredulidade e medo.

Nos primeiros meses de pandemia a falta de EPIs e treinamento (já que era imediata a locação para atender a linha de frente) expôs grandes partes dos profissionais mulheres a doença, a morte e ao medo de adoecer os seus. Do meu lugar, no hospital Universitário, a capacidade de gestar a crise foi a melhor possível, mas estar bem na tempestade não significa que não sentiremos os efeitos da devastação.

Estava agora na posição privilegiada de enfermeira no gabinete de gestão da enfermagem e na disposição como docente para participar de tudo que estava para acontecer! E desse lugar de enfermeira, mãe e filha emoções entre o dever e risco se confrontaram.

Gravei vídeos para minha filha e mãe, neles pontuei motivos sobre a necessidade de ir, mas não consegui deixar de ir. Esse chamamento nada tinha

de heroísmo, para mim enfermagem é profissão e que tem seus pilares na participação ativa de um trabalho coletivo de cuidado nos serviços de saúde, no zelo e na preocupação com o outro. Me senti convocada a compreender a pessoa com COVID / o cenário / o mundo e convocar para mim novos conhecimentos técnicos, de solidariedade e de coletividade.

O cuidado tem a performance expressa no corpo da enfermeira, é em torno do corpo que se movimenta a ciência da enfermagem. Quando o isolamento não me coube e não me fez sentido algum, entendi que queria cuidar de onde leciono, dos seus espaços de cuidado, das pessoas a serem atendidas e entender bem de um lugar do visto chão do hospital a dinâmica avassaladora do vírus em pandemia.

E foi o que fiz. Mas não foi somente isso. Outras lições foram aprendidas, ao pé do ouvido, a olhos vistos como diria minha mãe. Para além de participar de reuniões, treinamentos, cuidados e aulas online, tive a oportunidade de dar nome as minhas inquietações e experiências corporais, de analisar essas experiências do meu lugar de mulher negra no cuidado em saúde e me dedicar um pouco mais de tempo para ler o que me faltava resignificando conceitos encaminhando outras possibilidades de ver a vida preta na enfermagem.

Este momento em minha vida fez toda a diferença. Conversas com Ângela Davis, Audre Lorde, Patricia Hill Collins, Fátima Lima, Grada Kilomba e Achile Membe entre outros se assentaram com as



minhas experiências negras na vida, e no corre da enfermagem, me ajudaram a refletir, avaliar os sistemas de opressão, questionar as crenças vigentes, exigir o conhecimento das epistemologias pretas na saúde e agir por dentro do sistema acadêmico racista.

A suspensão do nosso cotidiano, a mudança inesperada da nossa rotina acionou outros portais e ativou compreensões silenciadas. A mais impactante delas foi a que no contexto da pandemia, vidas inexistentes, sem valor, vidas operárias, vidas expostas, vidas em constante risco eram as vidas pretas.

Quem não saiu do “cubo branco” imagem e arte performática produzida por Grada Kilomba¹, se esqueceu ou não percebeu e a democracia racial é um mito, criado pelo patriarcado heteronormativo que ameaça toda forma de existir diferente, criativa e transgressora. O mito da democracia racial é, pois, “a neurose cultural brasileira” nas palavras de Lélia Gonzalez² e neste momento ainda de pandemia, em nossa sociedade é a marca essencial do pensamento dominante de que não há discriminação racial no país.

Este cenário revelou as vulnerabilidades naturalmente associadas aos processos de estigmatização e marginalização. O inimigo não lava as mãos, não evita aglomerações nos transportes

urbanos e não se isola como recomendado. É preciso ainda que a sociedade consiga rever suas desigualdades históricas. O risco foi para todos, mas adoecer não.

Na saúde as estatísticas que negros, pretos e pardos experimentaram as maiores taxas de casos, mortes e hospitalizações de COVID-19 e entre os profissionais de saúde em quase metade de todos os casos a enfermagem foi o grupo mais atingido entre todos os profissionais na linha de frente. No topo deste estatística, se situaram as mulheres negras, maioria delas, técnicas de enfermagem, com duplo ou triplo vínculo de trabalho.

Interagiram duas forças de morte sobre os corpos negros: os dos usuários do SUS e as das cuidadoras do SUS mulheres negras.

No artigo de Fátima Lima³ sobre a exposição de arte de Grada Kilomba suas reflexões reforçam que corpo é um elemento central para compreender as violências que se originam da colonialidade. Em suas reflexões, no convoca a pensar que, para além se seus limites físicos, o corpo negro é também palco onde as resistências viscerais emergem em possibilidades e se recusam a subalternização e o silenciamento.

Ao longo de um ano, ajudei a contratar e treinar pelo menos 60% delas para atuar na pandemia. Depois destes dias nunca mais voltei ao normal. Constatei in loco quem eram elas as mulheres na tão

¹ Esta referência remete-se a instalação da artista Grada Kilomba e nela o fundo de suas videoinstalações é branca, geometricamente quadrada pois retoma a ideia do cubo branco onde pessoas pretas estão aprisionadas, o cubo, o inconsciente colonial que aprisiona o colonizado. Kilomba G. Ilusões Vol. I Narciso e Eco. In: Grada Kilomba: Desobediências Poéticas. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019a.

² Gonzalez L. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS. 1984; 2:223-244.

³ Lima F. Um ebó artístico-epistêmico: Revista Espaço Acadêmico. 2021; 20(226):42-54. <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54017>>.



aclamada linha de frente da pandemia. Mulheres negras heroínas desde sempre desde as pedras pisadas no Cais do Valongo⁴. Alo na cena da COVID-19, éramos nós as mulheres negras, eu e elas, eu como elas, escrevendo a pandemia com nossos próprios corpos no espaço tempo de cuidar.

A sobrecarga naturalizada na saúde entre mulheres negras em seus diversos serviços: na recepção, nos laboratórios, entre as agentes comunitárias de saúde, trabalhadoras da alimentação e limpeza, performou a lógica que estrutura a ocupação das mulheres, nas instituições e serviços. Todas estão margeadas de uma certa lógica de exploração da força de trabalho feminina e em particular as mulheres negras.

Da tia da cozinha, a moça do cafezinho a trabalhadora da enfermagem boa de dar banho. Sempre fomos nós no centro do cuidado-sobrevivência, cuidado-insistência, cuidado-persistência e cuidado ancestral.

Foram as mulheres negras, as protagonistas para manutenção dos serviços essenciais no contexto emergencial da pandemia e foram as mais atingidas pelo vírus.

Então a verdade foi exposta: a pandemia acabou por evidenciar os abismos raciais e de gênero no país, já profundamente marcado pelo patriarcalismo e pela instauração de um regime escravocrata de mais de três séculos. Desigualdades já profundamente

demarcadas entre homens e mulheres, e entre brancos e negros, entre os que comandam e os comandados, ficaram mais expostas aos olhos de todos e todas.

A Rede CoVida⁵ levantou números que corroboram estas constatações entre as profissionais de enfermagem, 85,1% são mulheres e 53% delas são negras. No entanto, nossa categoria profissional sequer se propõe a desagregar dados das profissionais inscritos por raça/cor. Para se cadastrar na enfermagem não há perguntas deste tipo: qual a sua raça e/ou etnia?

Do Dossiê Feminismos vitais Carla Baiense Felix e Patrícia Saldanha da escola de comunicação social da UFRJ destaco a frase que sintetiza o trabalho das autoras intitulado Mulheres que não cabem na tela: a (in)visibilidade periférica na publicidade de utilidade pública sobre a COVID-19 abre aspas “Não há lugar no pensamento binário para as mulheres negras, uma vez que são excluídas tanto da categoria “mulher” quanto da categoria “negro” fecha aspas.

Do chão do hospital, assentada em outra conversações teóricas eu e outras mulheres negras escrevemos e ressignificamos a nossa cena na COVID-19. Que vidas negras importam?

O vírus pode ser capaz de matar a todos, mas neste contexto não serão todos os que morrerão.

“Aqueles e aquelas que vêm da periferia, cujo corpo-político preto salta a frente sem pedir

⁴ O Cais do Valongo é um sítio arqueológico dos vestígios do antigo cais de pedra construído pela Intendência Geral de Polícia da Corte do Rio de Janeiro para o desembarque no Rio de Janeiro de africanos escravizados a partir de 1811. Em julho de 2017 foi reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Disponível em: <<https://portomaravilha.com.br/africadetalhe/cod/3>>.

⁵ A Rede CoVida - Ciência, Informação e Solidariedade é um projeto de colaboração científica e multidisciplinar focado na pandemia de Covid-19. A rede visa ao monitoramento da pandemia, com previsões de sua possível evolução, no Brasil, sintetiza evidências científicas, apoia a tomada de decisões pelas autoridades sanitárias e qualifica a informação para o público em geral. É uma iniciativa conjunta do Cidacs/Fiocruz e da UFBA, com colaboração de instituições de pesquisa nacionais e internacionais. Disponível em: <<https://redecovida.org/>>.



licença e cujo ofício (Técnicas de Enfermagem, trabalhadoras da higienização e segurança, por exemplo), exigiu a atuação na linha de frente no cuidado e no enfrentamento a COVID-19, são aquelas e aqueles que o estado considera de vida supérflua em que o viver é estar, a todo momento, prestando contas.⁶

Neste ponto ousou ser griot para contar uma história se o tempo me permitir.

Mulheres negras na cena da COVID-19⁷:

“Aisha acorda pela manhã após um plantão de doze horas, uma noite de sono em sua cama quentinha é revigorante. Porém, ainda se sente angustiada, com medo e sem fé. Precisa conversar com alguém antes de se deslocar até a casa da sua mãe, não queria desabar na frente dela.

Tem vontade de gritar, de chorar, mas pensa que não pode. Aisha é daquelas que cuida de todos a sua volta e, ao mesmo tempo, não se sente cuidada. Após um gostoso café da manhã ao lado de seu companheiro Foluke, vai para o quarto, coloca o notebook sobre o colo, liga-o e se entrega nos braços de outras mulheres pretas como ela - é o grupo de acolhimento.

Bom dia, Aisha é meu nome. Recebi esse nome do tio Otaviano, depois de doze horas de um parto difícil e doloroso vivido por minha mãe, Joana. Depois de mim mais ninguém. Minha avó Amélia dizia que ela secou. Hoje, eu chamo isso de violência obstétrica. Somente aos 36 anos, dos quais 10 estive trabalhando na área da saúde e outros tantos

apurando meus ouvidos em nossas conversas na cozinha de casa, é que descobri que minha mãe peregrinou por atendimento hospitalar, ou seja, por um leito na hora do parto.

Meu tio contou que chovia muito, era um daqueles dias em que o Rio de Janeiro fica alagado e o povo da periferia é que sofre. Após correr de hospital em hospital, minha mãe foi atendida em uma maternidade, no entanto, o médico se recusou a fazer uma cesárea e disse: “ela é forte, ela aguenta”. Meu tio lutou pela minha vida e pela vida da minha mãe. Por tudo isso, o tio Otaviano me deu esse nome, Aisha, que significa: “ela é vida”. Eu sou vida para minha mãe e para o tio Otaviano. Aisha, uma vida preta em curso.

No momento, eu ando meio sem fé, mas não recuso a vela, a oração e o pequeno patuá de morim, confeccionado com carinho pela minha mãe, cheio de segredos, de pequenos objetos que me protegem deste vírus. Trabalho em um hospital universitário como Técnica de Enfermagem. Entrei para a Enfermagem por força das conversas na cozinha, pelas histórias da minha avó parteira e pelo desejo de ter logo cedo um trabalho e mudar de vez da casa pequena e apertada da periferia. Aqui em casa somos eu, Foluke, um cachorro e muitas plantas.

Conheci Foluke na feira da labás em Madureira. Ele cozinha, costura e veio da Nigéria, da África, para alegrar minha vida. Mas a pandemia o deixou sem emprego e aqui está difícil demais arrumar trabalho. Na aflição do desemprego eu mostro para Foluke um jornal que aponta o segundo trimestre deste ano, o

⁶ Trata-se de citação do artigo aceito e no prelo. Alves MC, Sant’Anna JÁ, Pinto CMI. Mulheres pretas da Enfermagem: escrituragem atrevida em oralitura na COVID-19. Rev Estudos Feministas. ISSN: 1806-9584.

⁷ Este relato ficcional apresentado na conferência faz parte da publicação acima citada.



primeiro sob os efeitos da pandemia, com uma taxa de desemprego geral de 14,7%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios COVID-19 (PNAD COVID-19)⁸. E olhando a cor da pele, a taxa de desemprego de pretos fica em 17,8% e a de pardos em 15,4%.

Quando se junta os dois (pretos e pardos) a taxa é 33,3% para nós negros e 10,4% para os brancos. “Negro sem emprego, fica sem sossego”, já dizia Dona Ivone Lara⁹. Tem vezes que Foluke se conforma, faz uns bolos e vende, tem dias que não. Digo que está tudo bem, o que eu ganho dá, mas ele sabe do meu cansaço a cada plantão.

Se eu pudesse eu gritava. Gritaria minha angústia, meus medos e a sensação de que a morte me espreita a cada plantão. Só no meu trabalho foram quatro. Me vejo nesta estatística mortal, pois sou eu quem limpa, dá comida e banho nos pacientes COVID. Na hora esqueço, pois é a minha profissão. Mas quando chego na porta de casa, eu lembro. Tiro a roupa no quintal, empurro ela para dentro do balde com água e sabão, e logo vem um frio na barriga para entrar em casa.

Falouke já fez a comida e me quer pertinho, abraçada, fazendo carinho, mas não dá para arriscar, eu durmo no quarto dos fundos. Ultimamente, a gente quase não se cruza dentro da nossa casa. Não

vou contaminar o meu amor, mas temo perdê-lo. A cabeça não dá conta de tudo isso.

Conto com a reza da minha mãe, seus banhos, suas mandingas e magias. Ela sempre diz: “*Òbàlúaiyé te cobre filha, você vai ver*”. *Şànpòná – Òbàlúaiyé é aquele que cuida das doenças epidêmicas, “é o único que tem o poder de suprimi-las”¹⁰.*

Busco forças para cuidar da minha mãe, para mostrar confiança e coragem. Eu coloco a máscara e o avental e vou ao encontro dela para aferir sua pressão, fazer um tímido carinho, além de verificar suas necessidades quanto aos medicamentos, aos alimentos e, sobretudo, conversar e ouvir histórias. Ela se mantém firme, e eu, mesmo sem fé, tenho crença na fé que ela emana. A mulher preta é assim: “*é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha*”².

Então, para mim, o desafio tem sido manter a sanidade mental, sair da aflição, do banzo¹¹ que me pega de repente. E lendo os livros que o tio Otaviano me deixou, vou entendendo algumas coisas sobre racismo e relações raciais. Vou nomeando os meus medos. Ontem mesmo, eu pedi a Falouke que não saísse de máscara preta na rua e dei a ele uma de hospital - nem máscara preta, nem boné. Não tem polícia que resista em cismar com homem preto na rua. Sim, pessoas pretas sempre serão alvos do

⁸ Ver o canal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que reúne as iniciativas realizadas e as ações em desenvolvimento em relação a seus estudos e pesquisas para apoiar os esforços no enfrentamento à pandemia, dentre as quais destacamos o PNAD COVID-19. Fonte: <<https://covid19.ibge.gov.br/>>.

⁹ Refrão da letra da música “O Sorriso Negro”, composta por Adilson Barbado e Jorge Portela, interpretada por Dona Ivone Lara. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xVtowardTTiE>>.

¹⁰ Alves MC, Jesus OOKJP (Orgs). A Matriz Africana: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas. Organizadores: Miriam Cristiane Alves e Olorode Ogiyàn Káláfó Jayro Pereira de Jesus. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida. 2020.

¹¹ Nostalgia, melancolia dos africanos escravizados no tráfico transatlântico. Ver Ana Maria Oda (2008).



racismo. O medo branco nos faz alvo: “Mãe, olhe o preto, estou com medo!”¹².”

Somos alvo das efabulações brancas, isto é, das estratégias de apresentar como reais, verdadeiros, corretos, factos muitas vezes inventados, construídos em nome de uma razão ocidental, mercantil, eurocêntrica¹³.

O medo e as efabulações brancas nos silenciam, nos invisibilizam, nos excluem: “No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares”¹²”. Na loja de roupas no shopping não me atendem ou me seguem atribuindo a minha corpa-preta a suspeição.

Aliviei bastante minha tensão depois que participei da passeata nas ruas, me juntei com uns amigos do tio Otaviano, algumas novas velhas ideias e parti para o “Vidas Negras Importam (Black Lives Matter)”¹⁴. Vivemos em um país onde um guarda-chuva é confundido com arma de fogo¹⁵ e a pessoa preta é morta, não propriamente pelo objeto e sim pela cor da sua pele.

Outro plantão, outro dia. A rua está escura e Foluke dormiu na casa de minha mãe. Temo por mim, quando entro na rua escura que dá acesso ao ponto de ônibus, mais de uma vez acelerei o passo, com o jaleco no braço e sentindo alguém atrás de mim. Aperto o brevê na mão.

No final do plantão de doze horas, quando volto para casa, o medo dá lugar à raiva. Tenho raiva de passar na rua, cedo da manhã, e ver meu vizinho branco fazendo festa em plena pandemia com o som altíssimo, muitas risadas e uma grande aglomeração. Será que ele não sabe que somos nós que estamos morrendo? Morrendo e cuidando.” Histórias que se repetem, mudando de nome e lugar, mais nunca de circunstância e contexto.

Nas conversações, propostas por bell hooks¹⁶ como compartilhamento de poder e de conhecimento troca de compreensões e de sentidos, enfim de onde conversamos? O que e onde pode a antropologia, atuar em diante de uma crise de escala global? Qual a importância do saber antropológico e das demais Ciências Sociais para refletir, denunciar e discutir as quase 700.000 mil mortes por coronavírus?

A antropologia pode e deve produzir para além dos números, casos e estatísticas, rostos, trajetórias e biografias e escrevivências como matéria e material para estudo e reflexões científicas.

Se a pandemia é considerada como uma experiência vivida nos corpos e nas sensibilidades coletivas que elementos subjetivos ela é capaz de revelar sobre a experiência negra na pandemia? Convocar a antropologia na história das mulheres negras na pandemia é possível? Ouso dizer que sim!

¹² Fanon F. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Ed. UFBA, 2008

¹³ MBembe A. Políticas da Inimizade. Lisboa: Antígona. 2017a.

¹⁴ Apesar de ganhar notoriedade e adesão mundial após o assassinato de George Floyd em 25 de maio de 2020, o movimento Vidas Negras Importam (*Black Lives Matter*) foi criado em 2013 por Alicia Garza da aliança nacional de trabalhadoras domésticas; por Patrice Cullors da coalizão contra a violência policial em Los Angeles; e por Opal Tometi, da aliança negra pela imigração justa. Fonte: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>>.

¹⁵ Ver reportagem “PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas”, do El País Brasil, publicada em 19 de setembro de 2018. Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html>.

¹⁶ Hooks B. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução Bhuvan Libanio. São Paulo: Elefante, 2020. Este conceito, muito caro a escritora e educadora Bell Hooks, está apresentado no seu livro “Ensinando o Pensamento Crítico, sabedoria prática”, nele apresenta 32 ensinamentos como uma travessia em direção ao que chamou de “pedagogia engajada”. Conversação a ser aplicado na educação e na pesquisa, é definida pela autora como o diálogo, a troca de compreensões e sentidos no empenho para construir em meio à informação. A conversação é sempre inclusiva; ela incentiva e alimenta a voz individual enquanto se esforça para desenvolver uma visão de comunidade (Hooks, 2020, p. 60).



Li atentamente na pandemia o **Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus** disponibilizadas em rede denunciando as intrincadas e desiguais relações da sociedade com a pandemia, ou melhor, das inúmeras faces que a pandemia nos revelou. Precisamos agora “fazer a cabeça” para perceber as reencenações do racismo no âmbito da saúde. O cruzo entre antropologia e a enfermagem está no corpo, na sensibilidade existencial e nos afetos possíveis.

Deslocar e estranhar de onde se produz o conhecimento é a tarefa intelectual a ser ocupada por antropólogos e enfermeiros na produção do conhecimento na perspectiva antirracista e anticolonial.

Incluam também a perspectiva interseccional, pois há muito a se produzir no sentido de jogar luz ao se que se diz sobre raça, classe e gênero para empretecer os aspectos clínicos e epidemiológicos da COVID-19 e de qualquer outra doença fruto da determinação social imposta pela desigualdade.

Trazer nas conversações teóricas da enfermagem a lente interseccional é chegar ao chão do hospital e dar aos corpos a subjetividade que eles merecem e apresentar nos nossos corpos toda a intensidade de seus afetos nas produções subjetivas.

Se as estatísticas do COVID-19 foram silenciadas, apagadas por debaixo do tapete estatal, caberia a antropologia perguntar: quem são os mortos do COVID? E quem na saúde, no cuidado heroicamente aclamado, representavam a grande maioria dos que tombaram na pandemia?

A antropologia precisa investigar sobre quem é o sujeito jurídico e antropológico de vidas negras importam.

Esse mergulho precisa ser feito. Elaborar perguntas sem respostas que recriam outras respostas e perguntas dispostas nas nossas experiências e vivências individuais e coletivas.

Parafraseando Jota Mombaça no seu texto “O MUNDO É MEU TRAUMA¹⁷”

“MAS QUANDO UM CORPO NEGRO PARA DE FUNCIONAR, QUEM OU O QUE PODE AMPARÁ-LO?
E QUANDO A GENTE QUEBRA, QUE INFRAESTRUTURAS SE PRECIPITAM, AS DO CUIDADO OU DO DESCARTE?
QUANTO TEMPO LEVA PARA SERMOS APAGADAS, DEPOIS QUE AS PALAVRAS, LINGUAGENS E OS GESTOS DEIXAM DE FAZER QUALQUER SENTIDO?
O QUE SOBRA DE UM CORPO NEGRO, QUANDO ELE PRÓPRIO CONSENTE PERDER A BATALHA CONTRA O MUNDO?”

Mombaça dobra o racimo no meio, quebra tudo fora das regras, expondo nossa dor colonial, essa ferida aberta e amarga que expõe as violações perpetradas em nossos corpos. Nessa voz dissidente, na sua força, insisto, persisto e resisto representada pelas suas palavras. “SE O MUNDO É MEU TRAUMA. SOMOS MAIOR QUE O TRAUMA. PORQUE SE O MUNDO, QUE É MEU TRAUMA, NÃO PARA NUNCA DE FAZER SEU TRABALHO, ENTÃO SER MAIOR QUE O MUNDO É O MEU CONTRATRABALHO.

Precisamos fazer nosso trabalho, barulho, gritos em nossos Projetos Políticos Pedagógicos, nos seus currículos, na vida como uma expressão da necessidade dessa mudança. Vamos mudar essa realidade a partir das nossas produções, do que escrevemos e do que vivemos e do que somos.

¹⁷ Mombaça J. O mundo é meu trauma. Belo Horizonte: Piseagrama. 2017; 11:20-25.